



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO**

INSTITUTO FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO

CONSELHO SUPERIOR

**RESOLUÇÃO DO CONSELHO SUPERIOR Nº 103/2022,  
DE 30 DE SETEMBRO DE 2022**

**ANEXO III – Relatório Individual de Trabalho**

Nome: Luiz Fernando Reinoso Matrícula Siape: 1318541

Classe / Nível: classe D nível 301

Lotação: Coordenadoria do Curso de Tecnologia de Sistemas para internet – Campus Santa Teresa.

Obs.: Minha lotação em 2023/2 foi no Campus Santa Teresa do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Espírito Santo.

Ingressei no IFES em 04 de setembro de 2023, saliento que ainda estou em ambientação nas etapas e procedimentos administrativos.

Período de avaliação: setembro/2023 a dezembro/2023 (segundo calendário IFES)

**Justificativa de cumprimento**

✓ - **ATIVIDADE DE ENSINO**

o **Avaliação discente:**

- ✓ Relatório gerado no sistema <https://avaliacaodocente.ifes.edu.br/>
- ✓ Nota Final = 35,99
- ✓ (em anexo: 01 - Relatórios de Avaliação Docente referentes a 2023-2)

o **Disciplinas Ministradas**

- ✓ Projeto de Extensão II - TSI – 2H/Semana
- ✓ Projeto de Sistemas para Internet – TSI - 3H/Semana
- ✓ Desenvolvimento Mobile I - TSI – 4H/Semana
- ✓ Fundamentos da Tecnologia da Informação – TIST – 3,34H/Semana

✓ Análise e projeto de sistemas para WEB – TIST – 3,34H/Semana

✓ Programação Básica para Internet – TIST – 2,50H/Semana

(em anexo: 02 - Listagem de Diários de disciplinas semestrais (2023 02))

Obs.: Total de 18,18 horas semanais em disciplinas e 18,18 horas em planejamento das mesmas.

## 2- ATIVIDADE DE APOIO AO ENSINO

### 2.20 - Cumprimento dos prazos estabelecidos para atividades didático-pedagógicas

75% a 100%  50 a 74%  menor que 50%

(em anexo: Declaração emitida pela CGEN em 15/02/2024, sobre Cumprimento de Prazos e Participação em Reuniões Pedagógicas e Administrativas durante o semestre letivo 2023/2)

### 2.21 - Atendimento e participação em reuniões de cunho pedagógico/administrativo

75% a 100%  50 a 74%  menor que 50%

(em anexo: Declaração emitida pela CGEN em 15/02/2024, sobre Cumprimento de Prazos e Participação em Reuniões Pedagógicas e Administrativas durante o semestre letivo 2023/2)

## 3 - ATIVIDADES DE PESQUISA E INOVAÇÃO TECNOLÓGICA

3.17 - Artigo em periódico nacional

- ✓ Ética e diálogo na construção de uma educação humanizadora – Revista Educação, Humanidades e Ciências Sociais (<https://doi.org/10.55470/rechso.00099>, eISSN 2965-0496)
  - o (em anexo cópia do artigo).

3.18 - Artigo em periódico internacional

- ✓ INCLUSÃO DIGITAL: PERSPECTIVAS FUTURAS E DESAFIOS EM POTENCIAL - Revista Internacional de Estudos Científicos – RIEC (<https://doi.org/10.61571/riec.v1i2.125>, eISSN 2965-0488).
  - o (em anexo cópia do artigo).

Santa Teresa, 08 de março de 2024.



Assinatura Docente

Assinatura do Coordenador

Este documento deve ser acompanhado da ata da reunião da coordenação/colegiado em que foi aprovado.

# AVALIAÇÃO DOCENTE

## 2023/2

LUIZ FERNANDO REINOSO - SIAPE: 1318541

2023/2

DIÁRIO: 455194 - PROJETO DE SISTEMAS PARA INTERNET

ZERO	UM	DOIS	TRÊS	QUATRO	CINCO	SEIS	SETE	OITO	NOVE	DEZ
0	0	0	0	0	0	0	20	0	11	99

ALUNOS MATRICULADOS: 13      ALUNOS PARTICIPANTES: 13      PERCENTUAL PARTICIPAÇÃO: 100.00%      NOTA DIÁRIO: 37.82

DIÁRIO: 455207 - DESENVOLVIMENTO MOBILE I

ZERO	UM	DOIS	TRÊS	QUATRO	CINCO	SEIS	SETE	OITO	NOVE	DEZ
0	1	2	1	0	1	1	3	8	17	66

ALUNOS MATRICULADOS: 10      ALUNOS PARTICIPANTES: 10      PERCENTUAL PARTICIPAÇÃO: 100.00%      NOTA DIÁRIO: 36.68

DIÁRIO: 455211 - PROJETO DE EXTENSÃO II

ZERO	UM	DOIS	TRÊS	QUATRO	CINCO	SEIS	SETE	OITO	NOVE	DEZ
2	2	0	0	0	1	1	10	15	17	142

ALUNOS MATRICULADOS: 20      ALUNOS PARTICIPANTES: 19      PERCENTUAL PARTICIPAÇÃO: 95.00%      NOTA DIÁRIO: 37.39

## DIÁRIO: 430263 - FUNDAMENTOS DA TECNOLOGIA DA INFORMAÇÃO

ZERO	UM	DOIS	TRÊS	QUATRO	CINCO	SEIS	SETE	OITO	NOVE	DEZ
0	0	0	0	0	2	5	20	25	12	116

ALUNOS MATRICULADOS: 21      ALUNOS PARTICIPANTES: 18      PERCENTUAL PARTICIPAÇÃO: 85.71%      NOTA DIÁRIO: 36.62

## DIÁRIO: 430270 - PROGRAMAÇÃO BÁSICA PARA INTERNET

ZERO	UM	DOIS	TRÊS	QUATRO	CINCO	SEIS	SETE	OITO	NOVE	DEZ
0	0	0	1	0	1	5	13	27	18	125

ALUNOS MATRICULADOS: 22      ALUNOS PARTICIPANTES: 19      PERCENTUAL PARTICIPAÇÃO: 86.36%      NOTA DIÁRIO: 36.99

## DIÁRIO: 430288 - ANÁLISE E PROJETO DE SISTEMAS PARA WEB

ZERO	UM	DOIS	TRÊS	QUATRO	CINCO	SEIS	SETE	OITO	NOVE	DEZ
1	0	1	3	7	5	8	7	23	34	41

ALUNOS MATRICULADOS: 14      ALUNOS PARTICIPANTES: 13      PERCENTUAL PARTICIPAÇÃO: 92.86%      NOTA DIÁRIO: 32.65

## DIÁRIO: 436407 - FUNDAMENTOS DA TECNOLOGIA DA INFORMAÇÃO

ZERO	UM	DOIS	TRÊS	QUATRO	CINCO	SEIS	SETE	OITO	NOVE	DEZ
1	0	1	4	5	17	12	26	22	13	99

ALUNOS MATRICULADOS: 21

ALUNOS PARTICIPANTES: 20

PERCENTUAL PARTICIPAÇÃO: 95.24%

NOTA DIÁRIO: 33.12

## DIÁRIO: 436415 - ANÁLISE E PROJETO DE SISTEMAS PARA WEB

ZERO	UM	DOIS	TRÊS	QUATRO	CINCO	SEIS	SETE	OITO	NOVE	DEZ
0	0	0	0	0	1	0	20	18	33	88

ALUNOS MATRICULADOS: 17

ALUNOS PARTICIPANTES: 16

PERCENTUAL PARTICIPAÇÃO: 94.12%

NOTA DIÁRIO: 36.65

## QUADRO DE RESUMO

ZERO	UM	DOIS	TRÊS	QUATRO	CINCO	SEIS	SETE	OITO	NOVE	DEZ
4	3	4	9	12	28	32	119	138	155	776

ALUNOS MATRICULADOS: 138

ALUNOS PARTICIPANTES: 128

PERCENTUAL PARTICIPAÇÃO: 92.75%

NOTA FINAL: 35.99

**Filtros Utilizados para Gerar este Relatório:**

Instituição: Campus Santa Teresa  
Departamento: Coordenadoria Geral de Ensino  
Professor: Luiz Fernando Reinoso (1318541)(Campus Santa Teresa)  
Ano Letivo: 2023  
Per. Letivo: 2

**Departamento:** Coordenadoria Geral de Ensino

Professor	Diário	Turma	Curso	Comp. Curricular	CH
Luiz Fernando Reinoso (1318541)(Campus	455194	20232.TADST.6M	TADST	TADS.PSI - Projeto de Sistemas para Internet	60
Luiz Fernando Reinoso (1318541)(Campus	455207	20232.TSI.4	TSI	TSI.DM1 - Desenvolvimento Mobile I	80
Luiz Fernando Reinoso (1318541)(Campus	455211	20232.TSI.4	TSI	TSI.PE2 - Projeto de Extensão II	40
<b>Total Horas:</b>					180

**Filtros Utilizados para Gerar este Relatório:**

Instituição: Campus Santa Teresa  
Departamento: Coordenadoria Geral de Ensino  
Professor: Luiz Fernando Reinoso (1318541)(Campus Santa Teresa)  
Ano Letivo: 2023  
Per. Letivo: 1

**Departamento:** Coordenadoria Geral de Ensino

Professor	Diário	Turma	Curso	Comp. Curricular	CH
Luiz Fernando Reinoso (1318541)(Campus	430263	20231.TIST.1	TIST	TIST.11 - Fundamentos da Tecnologia da	66,67
Luiz Fernando Reinoso (1318541)(Campus	436407	20231.TIST.1	TIST	TIST.11 - Fundamentos da Tecnologia da	66,67
Luiz Fernando Reinoso (1318541)(Campus	430270	20231.TIST.1	TIST	TIST.13 - Programação Básica para Internet	100
Luiz Fernando Reinoso (1318541)(Campus	430288	20231.TIST.3	TIST	TIST.40 - Análise e Projeto de Sistemas para Web	66,67
Luiz Fernando Reinoso (1318541)(Campus	436415	20231.TIST.3	TIST	TIST.40 - Análise e Projeto de Sistemas para Web	66,67
<b>Total Horas:</b>					366,



## MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

INSTITUTO FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO

CAMPUS SANTA TERESA

Rodovia ES-080, Km 93 – São João de Petrópolis – 29660-000 – Santa Teresa – ES


27 3259-7878

### DECLARAÇÃO

Declaramos que o servidor **LUIZ FERNANDO RENOSO**, Professor de Ensino Básico, Técnico e Tecnológico, lotado neste campus, participou das reuniões para as quais foi convocado e cumpriu os prazos exigidos para os encaminhamentos das atividades didático-pedagógicas, durante o semestre 2023/2, conforme o constante dos documentos institucionais e legislação específica, obtendo os seguintes percentuais:

- Cumprimento dos prazos estabelecidos para atividades didático-pedagógicas	Percentual: de 75% a 100%
- Atendimento e participação em reuniões de cunho pedagógico/administrativo	Percentual: de 75% a 100%

Santa Teresa-ES, 15 de fevereiro de 2024.

Documento assinado digitalmente  
 JAQUELINI SCALZER  
Data: 27/02/2024 14:37:16-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

**Jaqueline Scalzer**  
**Coordenadora Geral de Ensino**  
**Portaria nº 1907, de 31 de agosto de 2023**






V. 07, N.14Jul./Dez. 2023

**ÉTICA E DIÁLOGO NA CONSTRUÇÃO DE UMA EDUCAÇÃO  
HUMANIZADORA**


***ETHICS AND DIALOGUE IN THE CONSTRUCTION OF A HUMANIZING  
EDUCATION***

***ÉTICA Y DIÁLOGO EN LA CONSTRUCCIÓN DE UNA EDUCACIÓN  
HUMANIZADORA***


**João Fernando Costa Júnior**

 <https://orcid.org/0000-0001-7908-3328>


**Cláudio Firmino Arcanjo**

 <https://orcid.org/0000-0003-0187-4175>


**Narjara Lelis Bastos de Menezes**

 <https://orcid.org/0009-0001-5335-2072>

**Leonardo Silva Moraes**

 <https://orcid.org/0000-0002-9854-6604>

**Kelly Taveira dos Santos**

 <https://orcid.org/0009-0006-3248-2990>


**Luiz Fernando Reinoso**

 <https://orcid.org/0000-0001-7142-1804>

**Bruno Almeida Barreto Machado**

 <https://orcid.org/0009-0009-2810-2168>

**Jadielson de Sousa Santos**

 <https://orcid.org/0009-0000-8032-2306>



**Resumo:** O artigo aborda a relevância da ética e do diálogo como elementos fundamentais na construção de uma educação mais inclusiva e humanizada. Através da reflexão sobre diversos autores, este trabalho destaca como a ética permeia a formação do indivíduo, sendo essencial para o desenvolvimento da consciência crítica, da responsabilidade social e da busca pela convivência harmoniosa. A contextualização histórica da abordagem humanizadora na educação revela como pensadores como Paulo Freire e Rubem Alves têm contribuído para uma educação que valoriza a diversidade cultural, a autonomia do estudante e o diálogo como prática pedagógica. O diálogo, por sua vez, surge como uma ferramenta poderosa para promover o respeito à diversidade e à pluralidade de ideias. Através de práticas como o diálogo corporificado, o diálogo intercultural e o diálogo literário, os educadores podem criar ambientes de aprendizagem acolhedores e inclusivos, estimulando a construção coletiva do conhecimento. Nessa perspectiva, a ética se apresenta como um princípio norteador na relação professor-aluno, promovendo uma educação que valoriza as vivências e experiências dos estudantes. O diálogo afetivo e empático se configura como uma via para o exercício da tolerância, da empatia e da escuta atenta, fomentando uma relação de respeito mútuo entre educador e educandos. Considerando as propostas para o fortalecimento da ética e do diálogo na educação humanizadora, destaca-se a importância de incluir a ética como eixo transversal na prática educacional, formar professores conscientes da sua responsabilidade ética e incentivar o diálogo intercultural como forma de valorizar a diversidade de ideias. Em suma, a construção de uma educação humanizadora demanda o cultivo da ética e do diálogo como pilares fundamentais, criando uma base sólida para a formação de cidadãos críticos, comprometidos com a transformação positiva da sociedade e engajados na construção de um mundo mais justo e solidário.

**Palavras-chave:** Educação Humanizadora. Ética. Diálogo. Diversidade. Inclusão.

**Abstract:** The article addresses the relevance of ethics and dialogue as fundamental elements in building a more inclusive and humanized education. Through reflection on several authors, this work highlights how ethics permeates the formation of the individual, being essential for the development of critical awareness, social responsibility and the search for harmonious coexistence. The historical context of the humanizing approach in education reveals how thinkers like Paulo Freire and Rubem Alves have contributed to an education that values cultural diversity, student autonomy and dialogue as a pedagogical practice. Dialogue, in turn, emerges as a powerful tool to promote respect for diversity and the plurality of ideas. Through practices such as embodied dialogue, intercultural dialogue and literary dialogue, educators can create welcoming and inclusive learning environments, stimulating the collective construction of knowledge. In this perspective, ethics is presented as a guiding principle in the teacher-student relationship, promoting an education that values the experiences of students. The affective and empathetic dialogue is configured as a way to exercise tolerance, empathy and attentive listening, fostering a relationship of mutual respect between educator and students. Considering the proposals for strengthening ethics and dialogue in humanizing education, the importance of including ethics as a transversal axis in educational practice, training teachers aware of their ethical responsibility and encouraging intercultural dialogue as a way of valuing the diversity of ideas is highlighted. In short, the construction of a humanizing education requires the cultivation of ethics and dialogue as fundamental pillars, creating a solid foundation for the formation of critical citizens, committed to the positive transformation of society and engaged in building a more just and supportive world.

**Keywords:** Humanizing Education. Ethic. Dialogue. Diversity. Inclusion.

**Resumen:** El artículo aborda la relevancia de la ética y el diálogo como elementos fundamentales en la construcción de una educación más inclusiva y humanizada. A través de la reflexión sobre varios autores, este trabajo destaca cómo la ética permea la formación del individuo, siendo fundamental para el desarrollo de la conciencia crítica, la responsabilidad social y la búsqueda de la convivencia armónica. El contexto histórico del enfoque humanizador en la educación revela



cómo pensadores como Paulo Freire y Rubem Alves han contribuido a una educación que valora la diversidad cultural, la autonomía del alumno y el diálogo como práctica pedagógica. El diálogo, a su vez, surge como una poderosa herramienta para promover el respeto a la diversidad y la pluralidad de ideas. A través de prácticas como el diálogo encarnado, el diálogo intercultural y el diálogo literario, los educadores pueden crear entornos de aprendizaje acogedores e inclusivos, estimulando la construcción colectiva del conocimiento. En esta perspectiva, la ética se presenta como un principio rector en la relación docente-alumno, promoviendo una educación que valore las experiencias de los alumnos. El diálogo afectivo y empático se configura como una forma de ejercitar la tolerancia, la empatía y la escucha atenta, fomentando una relación de respeto mutuo entre educador y educandos. Considerando las propuestas para fortalecer la ética y el diálogo en la educación humanizadora, se destaca la importancia de incluir la ética como eje transversal en la práctica educativa, formar docentes conscientes de su responsabilidad ética y fomentar el diálogo intercultural como forma de valorizar la diversidad de ideas. En definitiva, construir una educación humanizadora exige el cultivo de la ética y el diálogo como pilares fundamentales, creando bases sólidas para la formación de ciudadanos críticos, comprometidos con la transformación positiva de la sociedad y comprometidos con la construcción de un mundo más justo y solidario.

**Palabras-clave:** Educación humanizadora. Principio moral. Diálogo. Diversidad. Inclusión.

## INTRODUÇÃO

A educação é uma das forças mais poderosas na formação dos indivíduos e na construção de uma sociedade mais justa e humanizada. Nesse contexto, a busca por uma abordagem pedagógica que vá além da transmissão de conhecimentos, valorizando a ética e o diálogo como pilares fundamentais, torna-se uma necessidade premente. Este trabalho propõe um mergulho na temática "Ética e diálogo na construção de uma educação humanizadora", visando compreender como esses princípios podem ser integrados ao processo educacional, contribuindo para a formação de cidadãos críticos, responsáveis e empáticos.

A Educação Humanizadora, em seu cerne, preconiza a valorização da integralidade do indivíduo, reconhecendo-o não somente como um receptor de informações, mas como um ser complexo, inserido em um contexto social, cultural e histórico. Nessa perspectiva, a ética é uma dimensão central, pois, ao refletirmos sobre nossas ações e escolhas, somos impelidos a tomar decisões fundamentadas no respeito aos valores éticos e morais que embasam nossa convivência em sociedade.



A relação entre ética e educação transcende o âmbito individual e se estende ao coletivo. A busca por uma sociedade mais justa e solidária é intrinsecamente conectada ao desenvolvimento de uma consciência ética entre seus membros. Portanto, o papel da educação é inegavelmente relevante para o progresso social, proporcionando um ambiente propício à reflexão sobre as consequências de nossas atitudes e a promoção de uma convivência harmoniosa.

Além da ética, o diálogo surge como elemento crucial na efetivação de uma educação humanizadora. A prática do diálogo permite a troca de ideias, a compreensão mútua e a construção de conhecimento coletivo. Ao fomentar o diálogo em sala de aula, o educador possibilita que os estudantes sejam protagonistas de sua própria aprendizagem, desenvolvendo suas habilidades comunicativas e exercitando o respeito à diversidade de pensamentos e perspectivas.

Ao longo deste artigo, exploraremos a interrelação entre ética, diálogo e aprendizagem, buscando entender como esses elementos podem ser integrados ao ambiente educacional de forma a promover uma educação humanizadora. Além disso, serão discutidos os desafios que permeiam essa abordagem, bem como as perspectivas para o futuro, visando formar uma nova geração de cidadãos comprometidos com a ética, o respeito ao próximo e a construção de uma sociedade mais humana e consciente.

Assim, convidamos o leitor a embarcar conosco nessa jornada rumo a uma educação que valoriza a ética e o diálogo como fundamentos essenciais para a construção de um mundo mais harmonioso e empático. Acreditamos que, ao estabelecer uma sólida base ética e ao incentivar o diálogo construtivo, estaremos contribuindo de forma significativa para o desenvolvimento de indivíduos capazes de atuar como agentes transformadores de uma sociedade mais justa e humanizada.



## A EDUCAÇÃO HUMANIZADORA

A Educação Humanizadora, fundamentada na valorização integral do indivíduo, encontra respaldo em diversas correntes filosóficas e educacionais, tanto no contexto brasileiro quanto no hispânico. Entre os pensadores brasileiros, destaca-se Paulo Freire, cuja obra "Pedagogia do Oprimido" ressalta a importância da conscientização e da prática dialógica no processo educacional. Freire defende que a educação deve ser libertadora, permitindo que os alunos desenvolvam uma consciência crítica sobre a realidade em que estão inseridos, visando a transformação social por meio da reflexão e do diálogo.

No âmbito hispânico, destacamos a contribuição do espanhol Jorge Larrosa em "Pedagogia Profana". Larrosa (2010) argumenta que a educação humanizadora deve ir além da mera transmissão de conhecimento e se concentrar na singularidade de cada indivíduo, valorizando suas experiências e subjetividades. Para ele, a educação deve ser uma prática ética e estética, capaz de encantar e despertar o desejo de aprender.

Juan Carlos Tedesco, em "Educar en la Sociedad del Conocimiento", também aborda a educação humanizadora ao discutir o papel da educação diante dos desafios da sociedade do conhecimento. Tedesco enfatiza que uma educação humanizadora deve formar sujeitos capazes de compreender e interagir de forma ética e crítica com o mundo em constante transformação.

Assim, é importante destacar a ética como componente essencial para a formação do cidadão e, neste sentido levando-se em conta, de forma especial, o educador, ressaltando a necessidade deste se tornar exemplo de condutas éticas, inspirando os estudantes a agirem de forma ética em suas vidas.



## Definição e conceitos fundamentais

A Educação Humanizadora é um conceito multifacetado, enraizado em diferentes perspectivas filosóficas e educacionais. No contexto brasileiro, um dos precursores dessa abordagem é Anísio Teixeira, cujas ideias são expostas em "Educação é um direito", onde ele defende que a educação é um direito de todos e deve visar à formação integral do indivíduo, levando em conta seus aspectos sociais, emocionais e culturais.

O conceito em torno da educação humanizadora que remonta a períodos históricos distintos, com raízes em diferentes perspectivas filosóficas e educacionais. No contexto brasileiro, a abordagem humanizadora ganhou destaque ao longo do século XX com a influência de educadores como Anísio Teixeira. Sua atuação na criação da Universidade do Distrito Federal, em 1935, e posteriormente na administração da educação pública no estado da Bahia, permitiu a disseminação de ideias humanistas na educação brasileira, com enfoque na inclusão social, na formação integral dos indivíduos e na valorização da diversidade cultural.

O antropólogo, sociólogo e filósofo francês Edgar Morin traz contribuições significativas com a obra "Os sete saberes necessários à educação do futuro", em que destaca a importância de uma educação que contemple a complexidade da realidade humana. Para Morin, a humanização do ensino passa pelo desenvolvimento da compreensão global do ser humano e pela integração dos conhecimentos, superando a fragmentação do saber.

Vale destacar também que uma das propostas de Morin é a de se desenvolver uma educação que promova a compreensão da condição humana em sua totalidade, incluindo as dimensões biológica, psicológica, social e cultural. Morin reforça a importância de uma educação que desenvolva a consciência crítica e a capacidade de reflexão, possibilitando que os indivíduos compreendam a realidade em sua complexidade e contradições. O autor também destaca a importância da transdisciplinaridade na educação moderna.



Segundo Morin, é preciso transcender as fronteiras das disciplinas e integrar o conhecimento de diversas áreas para compreender a complexidade dos problemas contemporâneos, razão pela qual afirma que a transdisciplinaridade não se limita à interdisciplinaridade, mas busca ultrapassar as disciplinas e superar os seus limites (COSTA JÚNIOR *et al*, 2023).

Outra importante perspectiva é apresentada por Fernando Savater em "O valor de educar". Savater argumenta que a educação humanizadora deve ter como objetivo central a formação de cidadãos éticos, capazes de assumir responsabilidades sociais e promover o bem comum. A ética é vista por Savater como um pilar fundamental para a convivência pacífica e para a construção de uma sociedade mais humana.

Na América Hispânica, um marco importante para a educação humanizadora foi o pensamento de José Martí, intelectual cubano do século XIX, expoente do pensamento hispânico, que enfatizou a importância da educação como instrumento de libertação, defendendo a formação de cidadãos críticos e conscientes de seus direitos e deveres perante a sociedade. Suas ideias influenciaram a educação em diversos países da América Latina, promovendo a busca por uma educação humanizadora que respeitasse as identidades culturais e a dignidade humana. Martí propõe uma educação humanizadora pautada na liberdade, na justiça social e na solidariedade, que conduza os indivíduos a se desenvolverem integralmente e a contribuírem para o desenvolvimento da comunidade.

Com o avanço da globalização e das transformações sociais e tecnológicas, a abordagem humanizadora na educação ganhou novos contornos e desafios. No Brasil, Paulo Freire se tornou uma figura emblemática com sua obra "Pedagogia do Oprimido", publicada em 1968. Freire propôs uma educação libertadora, baseada no diálogo e na conscientização, combatendo a alienação e a opressão dos sujeitos por meio da leitura crítica da realidade. Sua metodologia de alfabetização popular influenciou movimentos



educacionais em vários países, fortalecendo a perspectiva humanizadora em diferentes contextos (FREIRE, 2014).

Paralelamente, na Espanha, a partir dos anos 1970, o filósofo e pedagogo José Antonio Marina contribuiu para o debate sobre a educação humanizadora com obras como "Ética para náufragos" e "A inteligência fracassada". Marina abordou a necessidade de um ensino voltado para o desenvolvimento da inteligência emocional, da empatia e da capacidade de se relacionar de forma ética com os outros, visando a formação de sujeitos mais solidários e conscientes de seu papel na sociedade (MARINA, 2006; 2004).

Dessa forma, ao longo da história, a abordagem humanizadora na educação tem se consolidado como uma alternativa para formar sujeitos mais conscientes, éticos e engajados com os desafios sociais e culturais de suas respectivas realidades.

### **Contextualização histórica da abordagem humanizadora na educação**

A abordagem humanizadora na educação possui uma trajetória histórica rica e diversificada, permeada por contribuições de autores brasileiros e hispânicos que buscaram transformar os paradigmas educacionais em seus respectivos contextos. Um dos primeiros expoentes dessa perspectiva foi o filósofo espanhol José Ortega y Gasset, que defendeu a importância de uma educação comprometida com o desenvolvimento do indivíduo em sua totalidade, valorizando tanto os aspectos intelectuais quanto os emocionais e éticos.

No Brasil, a partir da década de 1920, a Educação Nova emergiu como um movimento relevante para a disseminação da abordagem humanizadora. Fernando de Azevedo, um dos principais representantes desse movimento, propôs uma educação centrada no respeito à individualidade do aluno e na construção de uma sociedade mais justa e solidária (AZEVEDO, 1976).





Posteriormente, Paulo Freire, reconhecido mundialmente por sua influente obra "Pedagogia do Oprimido" (1968), contribuiu significativamente para a consolidação da educação humanizadora. Freire propôs uma pedagogia da conscientização, estimulando a reflexão crítica dos educandos sobre sua realidade e sua condição de opressão, buscando a emancipação por meio da educação dialógica e transformadora (FREIRE, 1968).

Outro autor brasileiro relevante nesse contexto é Darcy Ribeiro, que, em "O povo brasileiro" (1995), abordou a importância da educação na construção da identidade nacional e na valorização da diversidade cultural presente no Brasil, ressaltando o papel da educação humanizadora na promoção de uma sociedade mais justa e inclusiva (RIBEIRO, 1995).

No cenário europeu, destacam-se as contribuições do educador suíço Johann Heinrich Pestalozzi. Por meio de suas obras "Leonard and Gertrude" (1781) e "Como Gertrudes ensina suas crianças" (1801), Pestalozzi enfatizou a necessidade de uma educação humanizadora e baseada nas necessidades e interesses dos alunos, rompendo com modelos educacionais tradicionais e autoritários (PESTALOZZI, 1781; 1801).

Com o passar do tempo, a abordagem humanizadora continuou a evoluir e se adaptar aos desafios contemporâneos. No século XXI, a influência da pedagogia humanizadora na América Latina permanece por meio de diversos educadores comprometidos com a formação de indivíduos éticos, conscientes de seus direitos e deveres como cidadãos e preparados para enfrentar os dilemas e demandas de uma sociedade plural e em constante transformação.

## **ÉTICA NA EDUCAÇÃO**

A Ética na Educação é um pilar essencial na construção de uma sociedade mais justa e humanizada. No contexto brasileiro, o filósofo e educador Mario Sergio Cortella,



em "Ética e Vergonha na Cara" (2014), destaca que a ética deve permear todos os aspectos da vida educacional, desde a formulação dos currículos até a relação entre educadores e educandos. A reflexão ética é imprescindível para a tomada de decisões conscientes e responsáveis no ambiente educativo.

No âmbito hispânico, a filósofa espanhola Adela Cortina aborda em suas obras a importância da educação ética como base para a formação de cidadãos comprometidos com o bem comum e a construção de uma sociedade mais solidária. A ética na educação, para Cortina, envolve a discussão de valores e o estímulo à participação cívica, preparando os estudantes para o exercício da cidadania ativa.

Logo, a ética não deve ser abordada apenas como um conjunto de normas, mas como uma atitude de convivência baseada no respeito, na cooperação e no cuidado com o outro. A educação ética possibilita a formação de sujeitos mais sensíveis às necessidades alheias e comprometidos com a construção de uma sociedade mais ética e justa.

Outra voz relevante é a de Nuccio Ordine, intelectual italiano, autor de "A utilidade do inútil" (2016). Ordine defende a importância da educação ética como antídoto ao utilitarismo excessivo que permeia a sociedade contemporânea. Ele destaca a necessidade de cultivar valores humanos, como a gratuidade do conhecimento e a busca pelo sentido da vida, promovendo uma educação humanizadora que transcenda a lógica do mercado.

Não nos esqueçamos da contribuição de Paulo Freire, cuja obra "Pedagogia do Oprimido" (1968) apresenta uma abordagem ética e libertadora para a educação. Freire propõe a superação das relações opressoras e a construção de um conhecimento crítico e transformador, pautado no diálogo e na conscientização dos educandos.

Assim, a ética na educação é um tema relevante para a formação de indivíduos éticos, críticos e comprometidos com a construção de uma sociedade mais justa e



humanizada, e sua discussão perpassa a obra de diversos autores tanto no Brasil como no mundo hispânico.

### **O papel da ética na formação do indivíduo**

A ética desempenha um papel fundamental na formação do indivíduo, pois vai além da mera transmissão de conhecimentos e se preocupa com a construção de valores, princípios e atitudes que guiarão suas ações ao longo da vida. Nesse contexto, a obra "Ética a Nicômaco", escrita por Aristóteles, um dos grandes filósofos gregos, permanece como um clássico relevante para compreender a relação entre ética e formação do indivíduo. O livro publicado originalmente no séc. IV a.C., enfatiza a importância da virtude e do caráter na busca pela felicidade e pelo bem viver (ARISTÓTELES, 1987).

Vale destacar ainda a contribuição do espanhol Fernando Savater, que, em "Ética para meu filho" (1993), apresenta questões éticas fundamentais para a reflexão dos jovens. Através de uma linguagem acessível e questionadora, Savater aborda temas como a liberdade, a responsabilidade e a importância de agir de acordo com nossos valores e princípios.

Já o educador Paulo Freire, em "Pedagogia da Autonomia" (1996), defende que a formação do indivíduo deve estar pautada na consciência crítica, na autonomia e na responsabilidade ética. Freire destaca que a ética é um elemento central para a formação de cidadãos conscientes de seu papel na sociedade, capazes de agir de forma ética e transformadora.

No cenário hispânico, a filósofa espanhola María Zambrano, em "El Hombre y lo Divino" (1955), aborda a dimensão ética como uma busca constante do ser humano pela transcendência e pela conexão com o divino. Zambrano destaca que a ética é um



elemento essencial para a formação integral do indivíduo, permeando suas relações consigo mesmo, com os outros e com o universo.

Ainda no contexto hispânico, a escritora e ensaísta mexicana Rosario Castellanos, em "Mujer que sabe latín" (1973), ressalta o papel da ética na formação da mulher como sujeito autônomo e consciente de seus direitos e responsabilidades. A obra de Castellanos promove uma reflexão sobre a condição feminina e a importância da ética na luta por igualdade de gênero.

Além disso, Leonardo Boff, em "Ética e Moral: a busca dos fundamentos" (2003), aborda a busca dos fundamentos éticos que norteiam as ações humanas. Boff destaca que a ética é uma dimensão intrínseca à condição humana e tem papel decisivo na formação do indivíduo como agente de transformação social.

Dessa forma, a ética assume uma posição essencial na formação do indivíduo, permeando suas escolhas, valores e relações com o mundo e com os outros, seja no contexto brasileiro ou no hispânico.

### **A ética como elemento integrador na construção de uma sociedade mais justa e solidária**

A ética desempenha um papel central na construção de uma sociedade mais justa e solidária, sendo um elemento integrador que permeia todas as dimensões da vida em sociedade. Nesse sentido, o filósofo brasileiro Leonardo Boff, em "Ética e Moral: a busca dos fundamentos" (2003), ressalta também que a ética é o fundamento para uma convivência harmoniosa e sustentável entre os seres humanos e a natureza. Ao orientar as ações individuais e coletivas, a ética proporciona uma base para o estabelecimento de relações mais justas, equitativas e solidárias.



A filósofa espanhola Adela Cortina Orts, em "Ética mínima" (1986), destaca a importância da ética como um conjunto mínimo de valores e princípios compartilhados que possibilitam a convivência pacífica e respeitosa entre os membros de uma sociedade. Para Cortina, a ética é um elemento integrador que fortalece o tecido social e estimula a cooperação e a solidariedade entre os indivíduos.

Já a "Pedagogia da Autonomia" (1996) do educador brasileiro Paulo Freire enfatiza que a ética é essencial para a formação de sujeitos autônomos, críticos e engajados com a transformação da sociedade. Através da conscientização ética, os indivíduos são incentivados a assumir a responsabilidade pela construção de um mundo mais justo e igualitário, superando as desigualdades e opressões presentes na sociedade.

Freire contribui com sua "Pedagogia do Oprimido" (1968), que também aborda a ética como um elemento essencial na construção de uma sociedade mais justa e solidária. Freire propõe uma educação libertadora que estimule a reflexão ética e a consciência crítica dos educandos, visando à transformação das estruturas opressoras e à promoção da justiça social.

No contexto hispânico, o filósofo espanhol José Ortega y Gasset, em "A rebelião das massas" (1930), reflete sobre o papel da ética na coexistência entre as massas e as elites, destacando que a ética é um elemento fundamental para garantir o respeito mútuo e a convivência pacífica entre diferentes segmentos sociais. A ética, segundo Ortega y Gasset, possibilita uma integração mais harmoniosa entre as diferentes partes da sociedade.

Já o educador Moacir Gadotti, em "Educação e poder: introdução à pedagogia do conflito" (2003), aborda a ética como elemento integrador na educação e na sociedade como um todo. Gadotti destaca que a ética é um eixo transversal que perpassa todas as esferas da vida, influenciando as relações humanas e orientando as ações em direção ao bem comum.



A poeta e escritora mexicana Rosario Castellanos, em "Mujer que sabe latín" (1973), reflete sobre a ética como um elemento que contribui para a construção de uma sociedade mais igualitária e respeitosa, especialmente em relação à condição da mulher. A ética, para Castellanos, é fundamental na luta por direitos e na superação das desigualdades de gênero.

Nesse contexto, é importante mencionar também o pensador brasileiro Rubem Alves, que, em "O que é religião?" (1999), discute a ética como um princípio que transcende as fronteiras religiosas, promovendo o respeito às diferenças e o diálogo entre as diversas tradições espirituais. A ética é vista por Alves como um elemento agregador que pode unir diferentes perspectivas em prol de uma sociedade mais justa e solidária.

Paulo Freire, em "Pedagogia da Tolerância" (2004), aborda a ética como uma dimensão fundamental na formação de sujeitos tolerantes e respeitosos, capazes de conviver com a diversidade de ideias e culturas. A ética da tolerância é apresentada por Freire como um instrumento para o enfrentamento das intolerâncias e preconceitos presentes na sociedade.

Em síntese, a ética assume o papel de elemento integrador na construção de uma sociedade mais justa e solidária, promovendo a formação de indivíduos conscientes, responsáveis e comprometidos com o bem-estar coletivo. Através da ética, é possível criar laços de respeito, cooperação e empatia, contribuindo para o florescimento de uma comunidade mais humana e compassiva.

## **DIÁLOGO COMO PRÁTICA PEDAGÓGICA**

O diálogo emerge como uma prática pedagógica essencial na educação humanizadora, pois permite a construção de conhecimento de forma participativa, colaborativa e inclusiva. Paulo Freire, em "Pedagogia da Esperança" (1992), enfatiza o diálogo como a base de uma educação libertadora, na qual educadores e educandos são



sujeitos ativos no processo de ensino-aprendizagem, compartilhando saberes e experiências.

No cenário brasileiro, o educador Rubem Alves, em "Conversas com quem gosta de ensinar" (2001), reflete sobre a importância do diálogo afetivo entre educadores e estudantes. Alves acredita que o diálogo, carregado de sensibilidade e empatia, é capaz de criar um ambiente de aprendizagem acolhedor, que estimula a criatividade e a curiosidade dos educandos.

Considera-se, portanto, que o diálogo pode e deve ser uma abordagem pedagógica destinada também à resolução de conflitos e mediação de situações adversas em sala de aula. O diálogo, neste sentido, é apresentado como uma ferramenta eficaz para promover a cultura de paz e a convivência harmoniosa entre os estudantes.

O educador brasileiro Moacir Gadotti, em "Diálogo com Paulo Freire" (2011), explora o diálogo como um elemento fundamental da práxis freireana, capaz de estimular a conscientização dos educandos sobre sua realidade e seus papéis na sociedade. O diálogo é apresentado por Gadotti como uma via para a transformação social e para a construção de uma educação mais democrática e participativa.

No contexto hispânico, o filósofo espanhol José Ortega y Gasset, em "Meditações do Quijote" (1914), apresenta o diálogo como uma das principais ferramentas da reflexão filosófica e da busca pelo conhecimento. O diálogo é visto por Ortega y Gasset como uma forma de entendimento entre diferentes perspectivas, promovendo uma convivência intelectual rica e plural.

Assim, o diálogo se apresenta como uma prática pedagógica essencial na educação humanizadora, promovendo a construção coletiva do conhecimento, o respeito à diversidade e a formação de sujeitos críticos e comprometidos com uma sociedade mais justa e solidária.



## **Importância do diálogo na relação professor-aluno**

A relação professor-aluno é um pilar fundamental no processo educativo, e o diálogo se mostra como uma ferramenta essencial para fortalecer e enriquecer essa interação. Paulo Freire, em "Pedagogia da Autonomia" (1996), destaca que o diálogo é a base para uma relação educativa democrática, na qual o educador e o educando são sujeitos ativos no processo de construção do conhecimento.

No contexto brasileiro, o educador Rubem Alves, em "Conversas com quem gosta de ensinar" (2001), ressalta a importância do diálogo afetivo e empático na relação entre professor e aluno. Alves enfatiza que a escuta atenta e sensível é essencial para compreender as necessidades e inquietações dos estudantes, criando um ambiente propício para a aprendizagem significativa.

Deste modo, o diálogo mediado pelo professor possibilita o entendimento das divergências entre os alunos e a busca por soluções pacíficas e colaborativas.

O educador francês Célestin Freinet, em "Pedagogia do Bom Senso" (1985), enfatiza o diálogo como uma via para a expressão autêntica dos alunos e para o desenvolvimento de sua autonomia. O diálogo respeitoso e horizontal entre professor e aluno permite que os estudantes se sintam valorizados e motivados a participar ativamente da construção do conhecimento.

Ainda no contexto brasileiro, o educador Moacir Gadotti, em "Pedagogia da Terra" (2000), destaca o diálogo como uma forma de reconhecimento da sabedoria e do conhecimento prévio dos estudantes. O professor que dialoga com seus alunos os enxerga como sujeitos capazes de contribuir com suas vivências e experiências para o processo educativo.





Por sua vez, o educador espanhol Antoni Zabala, em "A prática educativa: como ensinar" (1998), aborda o diálogo como uma estratégia para a construção conjunta de objetivos e conteúdos curriculares. O diálogo entre professor e aluno possibilita uma aprendizagem mais significativa e contextualizada, estimulando o interesse e a participação dos estudantes.

Sob o olhar de COSTA JÚNIOR *et al* (2022), igualmente relevante é o aprendizado que ocorre de maneira significativa. Uma vez considerado o cotidiano do aluno um conjunto repleto de nuances e inúmeros aspectos importantes, a educação acaba por ser muito mais prazerosa quando esse mesmo aluno se encontra em situações em que o aprendizado é significativo para ele.

Até bem pouco tempo, se pensava na educação como um ato realizado dentro de quatro paredes, quatro linhas: o ambiente escolar. Mas aspectos ligados à autonomia e a independência do aluno diante da supremacia acadêmica por parte apenas do professor vêm mostrando que a educação se faz além dos muros da escola e da faculdade. Até porque educação se faz todo dia, em todo lugar. O aspecto formal da educação pede uma instituição que norteie o aluno, entretanto esta mesma instituição não se deve prender ao que está escrito nos livros. A vivência do aluno, por exemplo, é um rico universo de trabalho. A educação por meio da significação mostra que o aluno aprende mais quando, para ele, aquilo que está a sua frente tem significado real em sua vida (COSTA JÚNIOR *et al*, 2022, p.47).

A escritora brasileira Lygia Bojunga, em "Feito à mão" (2006), apresenta o diálogo como um elemento que fortalece a conexão entre o professor e o aluno. Através do diálogo afetivo e acolhedor, o professor se torna um mediador que incentiva a curiosidade e a busca pelo conhecimento.

Fica evidente, após ampla exposição, que o diálogo se destaca como um instrumento essencial na relação professor-aluno, promovendo uma educação mais democrática, afetiva e significativa.

## **Diálogo como ferramenta para a promoção do respeito à diversidade e à pluralidade de ideias**

O diálogo se apresenta como uma poderosa ferramenta para promover o respeito à diversidade e à pluralidade de ideias no contexto educacional. Paulo Freire, em "Pedagogia da Tolerância" (2004), destaca que o diálogo é essencial para superar preconceitos e estereótipos, criando um espaço de escuta e compreensão mútua.

Em uma via de mão dupla, onde educando e educador se encontra, pode-se entender que, neste sentido, o diálogo permite que os alunos sejam ouvidos em suas singularidades e respeitados em suas identidades. Tal análise pode ir, inclusive, além dos muros da escola, extrapolando para a sociedade e também sua vida.

Freire também destaca em "Pedagogia da Autonomia" (1996), o diálogo como um instrumento para promover a consciência crítica dos estudantes em relação às diversas visões de mundo. Através do diálogo, os alunos são incentivados a refletir sobre suas próprias ideias e a respeitar as perspectivas dos outros.

Uma das tarefas mais importantes da prática educativo-crítica é propiciar as condições em que os educandos em suas relações uns com os outros e todos com o professor ou a professora ensaiam a experiência profunda de assumir-se. Assumir-se como ser social e histórico, como ser pensante, comunicante, transformador, criador, realizador de sonhos, capaz de ter raiva porque capaz de amar. Assumir-se como sujeito porque capaz de reconhecer-se como objeto. A assunção de nós mesmos não significa a exclusão dos outros. É a "outredade" do "não eu", ou do tu, que me faz assumir a radicalidade de meu eu. (FREIRE, 1996. p. 42)

Já Rubem Alves, em "Conversas com quem gosta de ensinar" (2001), enfatiza o diálogo como uma prática pedagógica que estimula o exercício da tolerância e da escuta empática. O diálogo respeitoso entre educador e educandos promove a valorização da diversidade de ideias e perspectivas.

Ainda no contexto brasileiro, o pedagogo Paulo Ghiraldelli Jr., em "Filosofia e História da Educação Brasileira" (2009), aborda o diálogo como uma ferramenta para



combater a intolerância e a discriminação. O diálogo possibilita que os estudantes compreendam a importância da diversidade cultural e da convivência harmoniosa entre diferentes grupos sociais.

A escritora brasileira Lygia Bojunga, em "Feito à mão" (2006), também apresenta o diálogo como uma ferramenta para promover o respeito à pluralidade de ideias na literatura infantil. Através do diálogo literário, os leitores são convidados a refletir sobre diferentes pontos de vista e a valorizar a diversidade de narrativas.

Assim, o diálogo se configura como uma ferramenta essencial para a promoção do respeito à diversidade e à pluralidade de ideias, permitindo a construção de uma educação mais inclusiva, democrática e respeitosa.

## **PROPOSTAS PARA O FORTALECIMENTO DA ÉTICA E DO DIÁLOGO NA CONSTRUÇÃO DE UMA EDUCAÇÃO HUMANIZADORA**

A construção de uma educação humanizadora, pautada na ética e no diálogo, é um desafio complexo, porém essencial para a formação de cidadãos conscientes e comprometidos com uma sociedade mais justa e solidária. Para fortalecer a ética e o diálogo nesse contexto, é preciso considerar algumas propostas que possam ser aplicadas tanto no âmbito pedagógico quanto nas políticas educacionais.

Em primeiro lugar, é fundamental que a ética seja incorporada como um eixo transversal em todas as práticas e conteúdos educacionais. Isso significa não apenas abordar conceitos éticos em sala de aula, mas também promover a vivência dos valores éticos no cotidiano escolar. As instituições de ensino devem criar espaços para reflexão sobre ética, incentivando a prática da empatia, da justiça, do respeito à diversidade e da responsabilidade social.



Além disso, a formação dos professores deve contemplar a educação ética e a importância do diálogo em suas práticas pedagógicas. Professores bem preparados e engajados com uma educação humanizadora têm o poder de influenciar positivamente seus alunos, servindo como exemplos de conduta ética e de valorização do diálogo respeitoso.

Outra proposta relevante é a criação de espaços de diálogo intercultural, onde estudantes de diferentes origens, culturas e experiências possam se encontrar e trocar conhecimentos. A educação humanizadora deve incentivar o diálogo entre as diversas perspectivas e tradições, promovendo a valorização da diversidade cultural e a construção de uma convivência harmoniosa entre os estudantes.

Para fortalecer o diálogo como prática pedagógica, é importante que as escolas e universidades incentivem o uso de metodologias ativas, que estimulem a participação ativa dos estudantes e a construção coletiva do conhecimento. O diálogo horizontal entre educadores e educandos favorece o respeito às ideias de todos, promovendo um ambiente propício para a troca de experiências e a reflexão crítica.

Além disso, é essencial que as políticas educacionais fomentem o investimento em formações continuadas para os educadores, com ênfase no desenvolvimento de competências éticas e habilidades para a promoção do diálogo. Programas de capacitação podem contribuir para o aprimoramento da prática pedagógica e para a consolidação de uma cultura escolar pautada na ética e no diálogo.

A participação da comunidade escolar e da sociedade como um todo é fundamental para o fortalecimento da ética e do diálogo na construção de uma educação humanizadora. É necessário envolver pais, alunos, gestores, educadores e a comunidade local na discussão sobre os valores éticos que norteiam a educação e na promoção de espaços de diálogo que valorizem a diversidade e a inclusão.



Em suma, para alcançar uma educação humanizadora, é preciso promover a ética e o diálogo como elementos centrais em todos os níveis educacionais. O fortalecimento desses princípios contribui para a formação de sujeitos críticos, responsáveis e comprometidos com a construção de uma sociedade mais justa, empática e solidária. Essa educação humanizadora é um caminho promissor para a construção de um mundo mais humano e acolhedor, onde a diversidade é valorizada e o diálogo é a base para a transformação positiva da sociedade.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O presente artigo abordou a temática da Educação Humanizadora, destacando a ética e o diálogo como elementos fundamentais para a construção de uma educação mais inclusiva, justa e solidária. Através da reflexão sobre diversos autores, foi possível compreender a importância de uma abordagem humanizadora que valorize a formação integral do indivíduo e promova a consciência crítica e a autonomia.

Na busca por uma educação humanizadora, a ética se mostra como um princípio norteador na formação do indivíduo. Desde os ensinamentos de Aristóteles, que enfatiza a importância da virtude e do caráter para a busca da felicidade, até as reflexões contemporâneas de Fernando Savater e Paulo Freire, que abordam a ética como um elemento essencial na formação de cidadãos conscientes e responsáveis, fica evidente que a ética deve estar presente em todas as dimensões da educação.

Além disso, a contextualização histórica da abordagem humanizadora na educação permitiu compreender como pensadores nacionais e internacionais, como Paulo Freire, María Zambrano e Rubem Alves, entre outros, têm contribuído para uma educação mais humanizada, que valoriza a diversidade cultural, a autonomia do educando e o diálogo como prática pedagógica.



O diálogo, por sua vez, emergiu como uma poderosa ferramenta para a promoção do respeito à diversidade e à pluralidade de ideias. Sob a perspectiva de Paulo Freire, Rubem Alves e outros educadores, o diálogo se configura como um instrumento para a construção coletiva do conhecimento, a valorização das vivências e experiências dos estudantes e a promoção da tolerância e do entendimento mútuo.

A partir desses pontos, foi possível compreender como a ética e o diálogo são elementos integradores na construção de uma educação humanizadora. Essa abordagem pedagógica tem o potencial de formar indivíduos críticos, conscientes de sua responsabilidade social, capazes de respeitar e valorizar a diversidade, e engajados na construção de uma sociedade mais justa e solidária.

Ao unir a ética como um fundamento essencial para a formação do indivíduo com o diálogo como uma prática pedagógica que promove a escuta, o respeito às diferenças e a construção colaborativa do conhecimento, a educação humanizadora se torna um caminho promissor para a transformação da sociedade e a construção de um mundo mais humano, empático e inclusivo.

Diante dos desafios e demandas contemporâneas, é fundamental que educadores, gestores e toda a sociedade reconheçam a importância de uma educação humanizadora, pautada na ética e no diálogo, para o desenvolvimento pleno dos indivíduos e a construção de uma sociedade mais justa, solidária e comprometida com a promoção do bem comum.

Assim, a educação humanizadora se apresenta como uma via para a construção de um futuro mais esperançoso e promissor, em que o respeito à diversidade, o diálogo e a ética sejam pilares fundamentais para a transformação positiva da educação e da sociedade como um todo.



## REFERÊNCIAS

- ALVES, R. **Conversas com quem gosta de ensinar**. Editora Cortez, 2001.
- ALVES, R. **O que é religião?** Editora Loyola, 1999.
- ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. Coleção: Os pensadores. São Paulo: Nova Cultural, 1987.
- AZEVEDO, F. de. **A cultura brasileira**. Melhoramentos, 1976.
- BOFF, L. **Ética e Moral: a busca dos fundamentos**. Vozes, 2003.
- BOJUNGA, L. **Feito à mão**. Editora Ática, 2006.
- CASTELLANOS, R. **Mujer que sabe latín**. Joaquín Mortiz, 1973.
- CORTELLA, M. S. **Ética e vergonha na cara**. Editora Papyrus, 2014.
- CORTINA, A. **Ética mínima**. Editora Academia, 1986.
- COSTA JÚNIOR, J. F. *et al.* As Metodologias Ativas no processo de Ensino/Aprendizagem e a autonomia docente: um breve estudo sob a ótica de John Dewey. In: SILVEIRA, Resiane Paula de (org.). **Traços e Reflexões: Educação e Ensino - Volume 5**. Formiga: Editora Uniesmero, 2022. p.43-63. Disponível em: <https://www.uniesmero.com.br/2022/12/tracos-e-reflexoes-5.html>. Acesso em: 01 jul. 2023.
- COSTA JÚNIOR, J. F. *et al.* Os Sete Saberes Necessários à Educação do Futuro sob a perspectiva de Edgar Morin. In: SILVEIRA, Resiane Paula de (org.). **Traços e Reflexões: Educação e Ensino - Volume 7**. Formiga: Editora Uniesmero, 2023. p.42-64. Disponível em: <https://www.uniesmero.com.br/2023/02/tracos-e-reflexoes-educacao-e-ensino.html>. Acesso em: 01 jul. 2023.
- FREINET, C. **Pedagogia do Bom Senso**. Editora Martins Fontes, 1985.
- FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**. Paz e Terra, 1996.
- FREIRE, P. **Pedagogia da Esperança**. Paz e Terra, 1992.
- FREIRE, P. **Pedagogia da Tolerância**. Editora Unesp, 2004.
- FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. Editora Paz e Terra, 1968.
- FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. Editora Paz e Terra, 2014.
- GADOTTI, M. **Educação e poder - introdução à pedagogia do conflito**. São Paulo: Cortez, 2003.
- GADOTTI, M. **Diálogo com Paulo Freire**. Editora Cortez, 2011.
- GADOTTI, M. **Pedagogia da Terra**. Editora Peirópolis, 2000.
- GHIRALDELLI JR., P. **Filosofia e História da Educação Brasileira**. Editora Manole, 2009.



- LARROSA, J. **Pedagogia profana**: danças, piruetas e mascaradas. Autêntica Editora, 2010.
- MARINA, J. A. **La inteligencia fracasada**: Teoría y práctica de la estupidez. Anagrama, 2004.
- MARINA, J. A. **Ética para náufragos**. Anagrama, 2006.
- MORIN, E. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. Cortez Editora, 2003.
- ORDINE, N. **A utilidade do inútil**. Um Manifesto. Editora Zahar, 2016.
- ORTEGA Y GASSET, J. **A rebelião das massas**. Editora Martins Fontes, 1930.
- ORTEGA Y GASSET, J. **Meditações do Quijote**. Editora Taurus, 1914.
- PESTALOZZI, J. E. **How Gertrude teaches her children**. White, Cochrane and Co., 1801.
- PESTALOZZI, J. E. **Leonard and Gertrude**. Printed for J. Johnson, 1781.
- RIBEIRO, D. **O povo brasileiro**. Companhia das Letras, 1995.
- SAVATER, F. **Ética para meu filho**. Martins Fontes, 1993.
- SAVATER, F. **O valor de educar**. Martins Fontes, 1998.
- TEDESCO, J. C. **Educar en la sociedad del conocimiento**. Fondo de Cultura Económica, 2000.
- TEIXEIRA, A. **Educação é um direito**. Editora UFRJ, 2018.
- ZABALA, A. **A prática educativa**: como ensinar. Editora Artmed, 1998.
- ZAMBRANO, M. **El Hombre y lo Divino**. Breviários 103. Mexico: Fondo de Cultura Económica, 1955.






**INCLUSÃO DIGITAL: PERSPECTIVAS FUTURAS E DESAFIOS EM  
POTENCIAL**


***DIGITAL INCLUSION: FUTURE PERSPECTIVES AND POTENTIAL  
CHALLENGES***

***INCLUSIÓN DIGITAL: PERSPECTIVAS FUTURAS Y POSIBLES  
DESAFÍOS***


**Maria Aparecida de Moura Amorim Sousa**

 <https://orcid.org/0009-0006-8623-9507>


**Luiz Henrique de Gouvea Lemos**

 <https://orcid.org/0009-0000-5404-1375>


**Alini Zocolotto**

 <https://orcid.org/0009-0005-7249-9394>


**João Ribeiro Neto**

 <https://orcid.org/0000-0002-8507-971X>

**Luiz Fernando Reinoso**

 <https://orcid.org/0000-0001-7142-1804>

**Jéssica Lorryne Ananias da Silva**

 <https://orcid.org/0000-0003-1192-6231>



**Resumo:** Este artigo aborda a complexidade e a relevância da inclusão digital na sociedade contemporânea, indo além do mero acesso à tecnologia. Explorando desafios emergentes como a privacidade digital, desinformação e a lacuna de competência digital, a pesquisa destaca a necessidade de estratégias inovadoras que transcendam o acesso físico à tecnologia. O estudo identifica as barreiras socioeconômicas e culturais como fatores significativos, enfatizando a importância de abordagens holísticas e adaptativas. A inclusão digital, conclui o artigo, não é uma meta estática, mas uma jornada contínua que requer esforços coordenados em níveis individual, comunitário e governamental. Estratégias inovadoras, como educação digital, inclusão digital comunitária, conscientização cultural e infraestrutura digital sustentável, são apontadas como promissoras para superar desafios. A pesquisa ressalta que a inclusão digital não se restringe a questões tecnológicas, abordando também aspectos éticos, educacionais e culturais. A pesquisa destaca que iniciativas de inclusão digital devem ser sensíveis às disparidades socioeconômicas e culturais, visando não apenas a disponibilidade de tecnologia, mas também competências digitais e aceitação cultural. O artigo conclui destacando a importância de novas pesquisas para adaptar estratégias às mudanças tecnológicas e sociais, contribuindo para uma sociedade mais justa e equitativa na era digital. Recomendações futuras incluem explorar o impacto das tecnologias emergentes na educação, analisar a inclusão digital em contextos específicos, examinar aspectos éticos e avaliar a eficácia das políticas públicas. Em síntese, a pesquisa propõe uma visão abrangente e dinâmica da inclusão digital, reconhecendo-a como um processo em constante evolução para promover uma participação mais equitativa na sociedade digital.

**Palavras-chave:** Inclusão digital. Tecnologia. Desafios emergentes. Barreiras socioeconômicas. Estratégias inovadoras.

**Abstract:** This article addresses the complexity and relevance of digital inclusion in contemporary society, going beyond mere access to technology. Exploring emerging challenges such as digital privacy, misinformation and the digital competency gap, the research highlights the need for innovative strategies that transcend physical access to technology. The study identifies socioeconomic and cultural barriers as significant factors, emphasizing the importance of holistic and adaptive approaches. Digital inclusion, the article concludes, is not a static goal, but an ongoing journey that requires coordinated efforts at individual, community and government levels. Innovative strategies, such as digital education, community digital inclusion, cultural awareness and sustainable digital infrastructure, are highlighted as promising for overcoming challenges. The research highlights that digital inclusion is not restricted to technological issues, but also addresses ethical, educational and cultural aspects. The research highlights that digital inclusion initiatives must be sensitive to socioeconomic and cultural disparities, aiming not only at the availability of technology, but also at digital skills and cultural acceptance. The article concludes by highlighting the importance of new research to adapt strategies to technological and social changes, contributing to a fairer and more equitable society in the digital era. Future recommendations include exploring the impact of emerging technologies on education, analyzing digital inclusion in specific contexts, examining ethical aspects, and evaluating the effectiveness of public policies. In summary, the research proposes a comprehensive and dynamic view of digital inclusion, recognizing it as a constantly evolving process to promote more equitable participation in digital society.

**Keywords:** Digital inclusion. Technology. Emerging challenges. Socioeconomic barriers. Innovative strategies.

**Resumen:** Este artículo aborda la complejidad y relevancia de la inclusión digital en la sociedad contemporánea, yendo más allá del mero acceso a la tecnología. Al explorar desafíos emergentes como la privacidad digital, la desinformación y la brecha de competencia digital, la investigación destaca la necesidad de estrategias innovadoras que trasciendan el acceso físico a la tecnología. El estudio identifica las barreras socioeconómicas y culturales como factores importantes,



enfazando la importancia de los enfoques holísticos y adaptativos. La inclusión digital, concluye el artículo, no es un objetivo estático, sino un viaje continuo que requiere esfuerzos coordinados a nivel individual, comunitario y gubernamental. Se destacan estrategias innovadoras, como la educación digital, la inclusión digital comunitaria, la conciencia cultural y la infraestructura digital sostenible, como prometedoras para superar los desafíos. La investigación destaca que la inclusión digital no se limita a cuestiones tecnológicas, sino que también aborda aspectos éticos, educativos y culturales. La investigación destaca que las iniciativas de inclusión digital deben ser sensibles a las disparidades socioeconómicas y culturales, apuntando no solo a la disponibilidad de tecnología, sino también a las habilidades digitales y la aceptación cultural. El artículo concluye resaltando la importancia de nuevas investigaciones para adaptar las estrategias a los cambios tecnológicos y sociales, contribuyendo a una sociedad más justa y equitativa en la era digital. Las recomendaciones futuras incluyen explorar el impacto de las tecnologías emergentes en la educación, analizar la inclusión digital en contextos específicos, examinar aspectos éticos y evaluar la efectividad de las políticas públicas. En resumen, la investigación propone una visión integral y dinámica de la inclusión digital, reconociéndola como un proceso en constante evolución para promover una participación más equitativa en la sociedad digital.

**Palabras clave:** Inclusión digital. Tecnología. Desafíos emergentes. Barreras socioeconómicas. Estrategias innovadoras.

## 1. INTRODUÇÃO

A revolução digital tem moldado profundamente a forma como interagimos com o mundo ao nosso redor, alterando dinâmicas sociais, econômicas e educacionais. No epicentro desse fenômeno encontra-se a inclusão digital, um conceito que transcende a simples acessibilidade a dispositivos e conectividade. A inclusão digital abraça a ideia mais ampla de garantir que todos, independentemente de sua origem socioeconômica, tenham acesso equitativo e habilidades necessárias para participar plenamente da sociedade digital em constante evolução.

A importância da inclusão digital na sociedade contemporânea é incontestável. Em um mundo onde a informação é poder, a capacidade de acessar, compreender e utilizar efetivamente a tecnologia tornou-se um indicador crucial de participação cívica e inclusão social. Não se trata apenas de fornecer acesso aos recursos digitais, mas também de capacitar as comunidades a aproveitarem as oportunidades oferecidas pela era digital. A exclusão digital, por outro lado, pode acentuar disparidades sociais e econômicas, criando uma divisão entre aqueles que têm acesso à tecnologia e os que ficam à margem desse avanço.



A trajetória da inclusão digital remonta às últimas décadas do século XX, quando os avanços tecnológicos começaram a se acelerar rapidamente. Na virada do milênio, o acesso à internet estava se tornando mais difundido, marcando o início de uma era em que a conectividade digital começou a transformar fundamentalmente as estruturas sociais. Nesse estágio inicial, a inclusão digital estava muitas vezes centrada no acesso físico aos computadores e à internet, com ênfase na redução da chamada "lacuna digital" entre aqueles que tinham e os que não tinham acesso a essas tecnologias emergentes.

À medida que a tecnologia evoluiu, a inclusão digital expandiu-se para além do acesso físico, passando a considerar as competências digitais e a capacidade de utilizar efetivamente as ferramentas disponíveis. Governos, organizações sem fins lucrativos e setor privado passaram a desenvolver programas educacionais voltados para a capacitação digital, reconhecendo que a mera disponibilidade de tecnologia não garantia uma participação efetiva na sociedade digital.

A transição para a inclusão digital também coincidiu com a ascensão das redes sociais e da comunicação online, tornando evidente que a conectividade não era apenas uma questão de acesso à informação, mas também um meio vital de interação social e cultural. O desenvolvimento dessas plataformas contribuiu para um aumento significativo na relevância da inclusão digital em contextos diversos, incluindo educação, trabalho, saúde e participação cívica.

À medida que nos aproximamos do presente, observamos uma inclusão digital cada vez mais integrada às esferas cotidianas da vida. A inteligência artificial, a internet das coisas e outras inovações tecnológicas estão moldando novas fronteiras para a inclusão digital, levantando questões complexas sobre ética, privacidade e equidade. Ao revisitar essa história, compreendemos que a inclusão digital não é um destino final, mas uma jornada contínua que requer adaptação constante diante das rápidas mudanças tecnológicas e sociais.

Apesar dos avanços significativos na última década, a inclusão digital ainda enfrenta uma série de desafios complexos e persistentes que precisam ser abordados para garantir um acesso equitativo aos benefícios da era digital. Um dos desafios fundamentais reside na disparidade no acesso à infraestrutura tecnológica. Mesmo em



regiões urbanas desenvolvidas, existem comunidades que enfrentam lacunas de conectividade, seja devido à falta de infraestrutura adequada ou à incapacidade de arcar com os custos associados.

Além disso, a exclusão digital é agravada por desafios econômicos, tornando-se um fenômeno intrinsecamente vinculado a questões socioeconômicas. Grupos marginalizados, como populações rurais, comunidades de baixa renda e pessoas com deficiência, muitas vezes enfrentam barreiras financeiras para adquirir e manter dispositivos tecnológicos, bem como para acessar serviços de internet de qualidade.

A lacuna geracional na adoção da tecnologia também é uma questão preocupante. Enquanto os jovens frequentemente crescem imersos em ambientes digitais, os idosos podem sentir-se excluídos e enfrentar dificuldades ao lidar com a tecnologia. Essa disparidade intergeracional destaca a necessidade de programas educacionais que atendam a diferentes faixas etárias, visando capacitar todas as gerações a participar plenamente na sociedade digital.

Outro ponto de preocupação é a falta de alfabetização digital em muitas comunidades. Não basta apenas fornecer acesso à tecnologia; é igualmente vital garantir que as pessoas tenham as habilidades necessárias para navegar de maneira crítica e segura no ambiente digital. A falta de alfabetização digital contribui para a propagação de desinformação, ameaças à privacidade e exclusão social.

Percebe-se, portanto, que a inclusão digital enfrenta desafios multifacetados, incluindo desigualdades na infraestrutura, disparidades econômicas, lacunas geracionais e deficiências na alfabetização digital. Estes desafios exigem estratégias abrangentes e colaborativas para assegurar que a inclusão digital seja verdadeiramente inclusiva e alcance todos os estratos da sociedade.

A justificativa para este estudo sobre inclusão digital é fundamentada na compreensão de que a tecnologia digital não é apenas uma ferramenta moderna, mas uma força transformadora que permeia todos os aspectos da vida contemporânea. A sociedade está cada vez mais interligada por meio de dispositivos digitais e conectividade online, moldando não apenas a forma como trabalhamos e aprendemos, mas também como nos relacionamos e participamos das esferas social e cívica.



A necessidade de conduzir este estudo reside na urgência de superar as disparidades existentes no acesso e na utilização efetiva da tecnologia. A inclusão digital não é apenas uma questão de equidade, mas também um componente vital para a promoção da justiça social e do desenvolvimento econômico. Com a aceleração das mudanças tecnológicas, aqueles que ficam à margem da inclusão digital enfrentam riscos significativos de exclusão social e econômica.

Além disso, a justificativa para este estudo é respaldada pela crescente complexidade dos desafios enfrentados pela inclusão digital. A rápida evolução tecnológica, associada a questões econômicas, culturais e educacionais, demanda uma análise aprofundada para informar políticas públicas, práticas educacionais e iniciativas comunitárias. Compreender as dinâmicas atuais e antecipar as tendências futuras é crucial para desenvolver estratégias eficazes que promovam uma inclusão digital abrangente e duradoura.

Espera-se, com isso, contribuir para a construção de uma base de conhecimento que inspire ações práticas. Ao identificar os desafios específicos enfrentados por diferentes grupos e regiões, bem como as soluções inovadoras que têm mostrado resultados positivos, podemos informar políticas inclusivas e programas educacionais adaptados às necessidades específicas de diversas comunidades.

A justificativa para este estudo também reside na convicção de que a inclusão digital não é apenas um objetivo aspiracional, mas uma condição essencial para garantir que todos os membros da sociedade tenham oportunidades equitativas de prosperar na era digital. O estudo pretende, portanto, ser uma contribuição valiosa para o entendimento e abordagem das complexas questões relacionadas à inclusão digital, visando promover uma sociedade mais justa, participativa e conectada.

Ao longo das próximas páginas, exploraremos não apenas o estado atual da inclusão digital, mas também as perspectivas futuras e os desafios que ainda persistem. Num mundo interconectado, a inclusão digital não é apenas um luxo, mas uma necessidade essencial para o progresso social e econômico. Nesse contexto, nossa análise busca lançar luz sobre os caminhos que a inclusão digital está trilhando e os



obstáculos que ainda precisam ser superados para garantir um futuro mais equitativo e acessível a todos.

## 2. A INCLUSÃO DIGITAL HOJE

A análise do estado atual da inclusão digital é fundamental para compreender a extensão dos avanços e desafios que caracterizam a sociedade digital contemporânea. Como destaca Castells (2010), a inclusão digital vai além do acesso à tecnologia, sendo uma condição necessária para a plena participação na sociedade em rede. A atualidade é marcada pela ubiquidade da tecnologia, mas as disparidades persistem, como salientado por Warschauer (2003), que ressalta a existência de uma "lacuna digital" entre os que têm e os que não têm acesso aos recursos digitais.

No cenário global, é crucial observar as assimetrias regionais. De acordo com Norris (2001), as disparidades no acesso à internet refletem desigualdades sociais e econômicas, evidenciando a necessidade de abordagens contextualizadas. No entanto, conforme apontado por DiMaggio e Hargittai (2001), o acesso físico à tecnologia não é o único fator determinante; as competências digitais são igualmente cruciais para a efetiva inclusão na era digital.

A dinâmica entre inclusão digital e desenvolvimento econômico aponta na direção de que a inclusão digital não é apenas uma questão social, mas também uma estratégia econômica para promover a inovação e a competitividade. Contudo, a falta de políticas inclusivas pode agravar as desigualdades, como observado por van Dijk (2005) ao abordar os riscos de uma "sociedade da informação dividida".

Ao explorar o estado atual da inclusão digital, é imperativo considerar as dimensões educacionais. O acesso à tecnologia por si só não garante a participação efetiva na sociedade digital; é essencial abordar as questões pedagógicas e as práticas educacionais. Nesse contexto, o trabalho de Cuban (2001) ressalta a importância de integrar a tecnologia de forma eficaz no ambiente educacional.

O capítulo seguinte fornecerá uma análise mais aprofundada do panorama atual da inclusão digital, explorando casos específicos e iniciativas bem-sucedidas que oferecem insights valiosos sobre os caminhos a serem percorridos.



## 2.1 A Inclusão Digital em diferentes regiões e países

A análise da inclusão digital em diferentes regiões ou países revela uma heterogeneidade significativa nos avanços e desafios enfrentados por comunidades ao redor do mundo. No contexto europeu, van Dijk (2005) destaca a prevalência de uma "sociedade da informação dividida", onde as diferenças socioeconômicas se refletem nas oportunidades de acesso à tecnologia. Países como a Suécia e a Dinamarca alcançaram altos níveis de inclusão digital, enquanto nações do leste europeu enfrentam desafios relacionados à infraestrutura e à capacitação digital.

Na América Latina, a análise de Ragnedda e Muschert (2013) revela uma situação marcada por contrastes, onde o acesso à internet varia significativamente entre diferentes países. Enquanto o Chile e o Uruguai alcançaram progressos notáveis, outras nações enfrentam obstáculos relacionados à desigualdade econômica e à infraestrutura limitada. No que se refere às políticas públicas, estratégias governamentais são cruciais para superar as barreiras à inclusão digital.

O continente africano apresenta um cenário diversificado, onde as limitações de infraestrutura são muitas vezes acentuadas pela complexidade dos desafios sociais e econômicos. Nesse contexto, vale destacar a necessidade de abordagens inovadoras que considerem as peculiaridades locais e promovam a inclusão digital como parte integrante do desenvolvimento sustentável.

Ao examinar a Ásia, especificamente a China, a abordagem governamental é frequentemente citada como um fator-chave no desenvolvimento da inclusão digital. O papel ativo do governo chinês na promoção de políticas e infraestrutura de tecnologia da informação, contribuindo para avanços notáveis na inclusão digital em uma escala nacional.

Nota-se, portanto, que a análise da inclusão digital em diferentes regiões ou países revela a complexidade das dinâmicas locais, exigindo abordagens específicas e adaptáveis. A situação varia amplamente, refletindo não apenas diferenças econômicas, mas também nuances culturais e políticas que influenciam a adoção e a eficácia das iniciativas de inclusão digital.





## 2.2 A Inclusão Digital e o acesso à tecnologia

Para compreender o estado atual da inclusão digital, é imperativo examinar os indicadores estatísticos que delineiam o acesso à tecnologia em escala global. Segundo a International Telecommunication Union (ITU), em seu relatório de 2021, a penetração da internet aumentou consideravelmente nas últimas décadas, atingindo cerca de 59% da população mundial. Contudo, essa média global esconde disparidades significativas entre países desenvolvidos e em desenvolvimento.

Ao considerar o acesso a dispositivos digitais, é importante destacar que, em países desenvolvidos, a posse de smartphones é quase ubíqua, enquanto em regiões menos desenvolvidas, a acessibilidade a esses dispositivos pode ser desafiadora devido a limitações econômicas. Essa discrepância destaca a necessidade de abordagens específicas para garantir a inclusão digital em diferentes contextos socioeconômicos.

Outro indicador crucial é a alfabetização digital. A proficiência na utilização de tecnologias digitais varia consideravelmente, mesmo entre aqueles que têm acesso. A chamada "lacuna de competência digital" destaca a importância não apenas de fornecer acesso, mas também de capacitar as pessoas com as habilidades necessárias para utilizar efetivamente as ferramentas digitais disponíveis.

A análise desses indicadores estatísticos revela que, embora o acesso à tecnologia tenha aumentado globalmente, as disparidades persistem em termos de penetração, posse de dispositivos e competências digitais. Essas disparidades, como observado por Warschauer (2003), destacam que a inclusão digital é uma questão multifacetada que vai além do simples acesso, envolvendo fatores econômicos, educacionais e culturais.

## 2.3 Iniciativas bem-sucedidas na Inclusão Digital

No panorama da inclusão digital, é essencial destacar iniciativas bem-sucedidas que oferecem insights valiosos sobre abordagens eficazes. O programa "One Laptop per Child" (OLPC), apresentado pelo cientista Nicholas Negroponte, representa uma dessas iniciativas notáveis. Ao distribuir laptops acessíveis a crianças em países em desenvolvimento, o OLPC visava não apenas fornecer tecnologia, mas também



transformar a educação, capacitando jovens a desenvolverem habilidades digitais desde tenra idade.

Outro destaque é o projeto "Telecenters", conforme discutido por Heeks (2002). Esses centros comunitários oferecem acesso à internet e treinamento digital em áreas rurais e urbanas em países em desenvolvimento. Ao integrar a tecnologia na vida cotidiana das comunidades, os Telecentros promovem a inclusão digital como parte integrante do desenvolvimento local.

Na esfera governamental, a Estônia se destaca com seu programa de e-Government, se destacando com a implementação eficaz de serviços públicos online, que não apenas simplificou processos, mas também promoveu a participação cívica e reduziu a burocracia, contribuindo para uma inclusão digital abrangente.

A experiência sul-coreana é outra iniciativa digna de nota. A abordagem integrada do governo sul-coreano para promover a inclusão digital envolveu investimentos substanciais em infraestrutura, bem como iniciativas educacionais e de capacitação digital, resultando em uma rápida ascensão do país na era digital.

Essas iniciativas bem-sucedidas destacam a diversidade de abordagens para a inclusão digital, enfatizando a importância de programas educacionais, acessibilidade econômica e a integração da tecnologia na infraestrutura e serviços públicos.

### **3. PERSPECTIVAS FUTURAS**

À medida que avançamos no século XXI, as perspectivas futuras da inclusão digital assumem um papel central na configuração da sociedade em constante evolução. Como destacado por Rifkin (2014), estamos testemunhando a emergência de uma "Internet das Coisas" (IoT), uma interconexão ubíqua de dispositivos, sensores e sistemas que promete transformar radicalmente a maneira como vivemos, trabalhamos e interagimos digitalmente.

A inteligência artificial (IA) surge como um fator determinante nas perspectivas futuras da inclusão digital. Brynjolfsson e McAfee (2014) argumentam que a IA tem o potencial de redefinir as fronteiras do trabalho, da educação e da participação na



sociedade digital. A implementação ética e equitativa da IA torna-se crucial para garantir que suas promessas se traduzam em benefícios inclusivos para toda a sociedade, evitando a amplificação de disparidades existentes.

A conectividade 5G emerge como um catalisador para uma revolução na comunicação e na mobilidade, prometendo velocidades de transmissão sem precedentes e uma rede mais eficiente. Contudo, a implementação global do 5G também levanta questões sobre a equidade no acesso, visto que regiões menos desenvolvidas podem enfrentar desafios significativos na adoção dessa tecnologia de ponta.

No campo da educação, as perspectivas futuras da inclusão digital estão intrinsecamente ligadas a modelos educacionais inovadores, destaque para o papel das tecnologias educacionais emergentes, como a aprendizagem baseada em jogos e a personalização do ensino, na promoção de uma educação mais acessível e adaptada às necessidades individuais dos alunos.

Diante dessas perspectivas futuras, é essencial adotar uma abordagem proativa para mitigar possíveis desigualdades e garantir que a sociedade esteja preparada para abraçar as oportunidades oferecidas pelas inovações tecnológicas.

### **3.1 Tendências tecnológicas e impacto na Inclusão Digital**

O cenário tecnológico evolui em ritmo acelerado, moldando as perspectivas futuras da inclusão digital. A Internet das Coisas (IoT), representa uma tendência que conecta dispositivos e objetos cotidianos à internet, ampliando as possibilidades de interação e coleta de dados. Esta interconexão promete impactar positivamente a inclusão digital ao facilitar o acesso à informação e serviços através de uma ampla variedade de dispositivos.

A Realidade Aumentada (RA) e a Realidade Virtual (RV) emergem como tecnologias promissoras para a inclusão digital. A Realidade Aumentada funciona com a sobreposição de informações digitais ao ambiente físico, enquanto a Realidade Virtual cria ambientes imersivos. Ambas as tecnologias têm o potencial de transformar a educação, tornando-a mais envolvente e acessível.



O *Blockchain* é outra tendência que pode influenciar a inclusão digital. Esta tecnologia descentralizada oferece oportunidades para transações seguras e transparentes, eliminando intermediários e proporcionando inclusão financeira a populações que historicamente foram excluídas do sistema bancário tradicional.

A Inteligência Artificial (IA) assume uma importância central nas perspectivas futuras da inclusão digital, uma vez que o aprendizado de máquina e a automação têm o potencial de criar novas oportunidades de emprego, ao mesmo tempo em que exigem habilidades digitais aprimoradas. Por outro lado, a implementação ética e inclusiva da IA é crucial para garantir que não acentue disparidades existentes.

O 5G também é uma tendência tecnológica que terá impacto direto na conectividade e na mobilidade. A velocidade de transmissão e a baixa latência proporcionadas pelo 5G podem melhorar significativamente o acesso à internet em áreas remotas, reduzindo as lacunas de conectividade.

Essas tendências tecnológicas delineiam um futuro onde a inclusão digital é não apenas uma questão de acesso, mas também de participação plena na sociedade digital, explorando as inovações para criar oportunidades mais igualitárias.

### **3.2 Análise de possíveis avanços na infraestrutura de conectividade**

O futuro da inclusão digital está intrinsecamente ligado aos avanços na infraestrutura de conectividade. A implementação bem-sucedida do 5G é um dos marcos cruciais nesse cenário. O 5G não é apenas uma evolução do 4G, mas uma revolução que irá proporcionar velocidades de transmissão mais rápidas, maior capacidade e menor latência. Esses avanços têm o potencial de eliminar barreiras geográficas e oferecer conectividade robusta mesmo em regiões remotas.

A constelação de satélites de baixa órbita, conhecida como Starlink, liderada pela SpaceX de Elon Musk, é outra iniciativa que promete redefinir a conectividade global. A Starlink visa fornecer internet de alta velocidade em áreas rurais e remotas, superando as limitações da infraestrutura terrestre tradicional. Esse projeto poderia desempenhar um papel crucial na redução das disparidades de conectividade em nível global.



Além disso, a implementação de redes mesh oferece uma abordagem inovadora para a conectividade comunitária. Essas redes descentralizadas têm o potencial de criar ecossistemas de conectividade autossuficientes, onde os próprios usuários contribuem para a expansão e manutenção da infraestrutura.

Outra tendência que pode moldar o futuro da infraestrutura de conectividade é o desenvolvimento de redes 6G. Embora ainda esteja em estágios iniciais de pesquisa, especula-se que o 6G poderá oferecer avanços significativos em termos de velocidade, capacidade e eficiência energética, estabelecendo as bases para novos serviços e aplicações que exigem conectividade ultrarrápida.

Esses avanços na infraestrutura de conectividade têm o potencial de remodelar radicalmente a forma como as pessoas interagem com a tecnologia, superando as barreiras que historicamente limitaram o acesso à informação e oportunidades digitais.

### **3.3 Novas abordagens pedagógicas e modelos educacionais facilitados pela tecnologia**

O avanço da tecnologia abre caminho para novas abordagens pedagógicas e modelos educacionais que transcendem as limitações tradicionais. A Aprendizagem Baseada em Projetos (ABP) é uma abordagem pedagógica que se beneficia da tecnologia ao permitir que os alunos explorem tópicos de maneira prática, colaborativa e conectada globalmente. A tecnologia proporciona uma plataforma para a implementação eficaz da ABP, promovendo o engajamento e o desenvolvimento de habilidades práticas.

A Personalização da Aprendizagem é outra tendência educacional que se beneficia da tecnologia. A personalização é facilitada por sistemas adaptativos que ajustam o conteúdo e o ritmo de aprendizado com base nas necessidades individuais dos alunos. A tecnologia desempenha um papel central ao possibilitar a coleta e análise de dados para informar essas adaptações, criando experiências de aprendizado mais eficazes e inclusivas.

A Realidade Virtual (RV) e a Realidade Aumentada (RA) são tecnologias que prometem revolucionar a educação. Como discutido por Bailenson (2018), a RV pode



oferecer simulações imersivas que transcendem as limitações físicas das salas de aula tradicionais, proporcionando experiências de aprendizado envolventes e interativas. Da mesma forma, a RA, conforme explorada por Dede (2009), permite a sobreposição de informações digitais ao ambiente real, enriquecendo a experiência de aprendizado com elementos virtuais.

O Ensino Híbrido (Blended Learning) é uma abordagem que combina o aprendizado presencial e online, aproveitando o potencial da tecnologia. Como argumentado por Garrison e Kanuka (2004), o ensino híbrido permite flexibilidade e personalização, integrando as vantagens do aprendizado presencial com a escalabilidade e acessibilidade do ensino online.

Essas novas abordagens pedagógicas e modelos educacionais facilitados pela tecnologia têm o potencial de transformar a educação, tornando-a mais adaptável, personalizada e acessível a uma variedade de alunos.

#### **4. DESAFIOS EM POTENCIAL E SOLUÇÕES PROPOSTAS**

À medida que nos deparamos com um futuro permeado pela inovação tecnológica e a busca por inclusão digital, é imprescindível abordar os desafios que surgem nesse horizonte dinâmico. A complexidade das questões enfrentadas na era digital é enfatizada por Castells (2009), que ressalta a interação entre tecnologia, sociedade e poder. Nesse contexto, identificar e superar desafios torna-se uma tarefa crucial para garantir que os benefícios da inclusão digital sejam estendidos a todos.

Os desafios começam com a própria infraestrutura tecnológica. Como apontado por Warschauer (2003), a "lacuna digital" persiste, marcando as disparidades no acesso à tecnologia entre grupos sociais e econômicos. Essa divisão é exacerbada nas regiões em desenvolvimento, conforme destacado por Norris (2001), onde as desigualdades socioeconômicas refletem diretamente na capacidade de participação na sociedade digital.

Além disso, a questão da competência digital torna-se um desafio crítico. O simples acesso à tecnologia não garante a participação efetiva na sociedade digital; é imperativo desenvolver competências digitais para capacitar os indivíduos a navegarem e



contribuírem de maneira significativa. As disparidades na aquisição dessas habilidades podem resultar em uma "lacuna de competência digital", reforçando as desigualdades existentes.

Os desafios se estendem à esfera educacional, onde a integração efetiva da tecnologia na prática pedagógica é crucial. Cuban (2001) destaca que, muitas vezes, a tecnologia é implementada sem considerar as práticas educacionais, resultando em subutilização e falta de impacto. Superar essa lacuna requer uma abordagem holística que combine infraestrutura, competências digitais e práticas pedagógicas inovadoras.

Neste capítulo, exploraremos esses desafios em potencial e apresentaremos soluções propostas por acadêmicos e especialistas, visando a construção de uma base sólida para enfrentar os obstáculos à inclusão digital e garantir um futuro mais equitativo e acessível.

#### **4.1 Identificação e análise crítica dos desafios emergentes na inclusão digital**

À medida que a sociedade avança em direção a uma era digital, novos desafios emergem, moldando a complexidade da inclusão digital. A natureza dinâmica dessa transformação digital é destacada por DiMaggio *et al.* (2001), que argumentam que as tecnologias emergentes podem criar novas formas de desigualdade, mesmo quando abordam as existentes. Neste contexto, serão identificados e analisados criticamente alguns desses desafios emergentes.

Um desafio crucial é a questão da privacidade digital. Enquanto as tecnologias avançam, as preocupações com a privacidade se intensificam. Westin (2003) destaca que a coleta massiva de dados e o monitoramento constante ameaçam a privacidade individual, levantando questões éticas e exigindo a implementação de políticas eficazes de proteção de dados.

Outro desafio está relacionado à chamada "Desinformação Digital". Neste cenário, autores como Sunstein (2017) alertam para os perigos da disseminação de informações falsas e o impacto negativo na participação informada na sociedade digital. A



desinformação pode minar a confiança nas fontes de informação e distorcer o ambiente digital, prejudicando a inclusão.

A crescente complexidade da tecnologia também intensifica a "lacuna de competência digital". Eynon e Malmberg (2011) ressaltam que, à medida que as tecnologias se tornam mais avançadas, as disparidades nas habilidades digitais podem ampliar-se, deixando alguns grupos em desvantagem na participação plena na sociedade digital.

A acessibilidade digital é um desafio persistente, agravado pelo aumento da dependência de interfaces digitais. Pessoas com deficiência enfrentam barreiras significativas na interação com tecnologias digitais, destacando a necessidade de projetos inclusivos e acessíveis.

Esses desafios emergentes na inclusão digital demandam uma abordagem crítica e proativa. A compreensão aprofundada dessas questões é essencial para desenvolver estratégias eficazes que garantam uma inclusão digital genuína e equitativa.

#### **4.2 Barreiras socioeconômicas e culturais**

A inclusão digital, embora promissora, enfrenta obstáculos intrincados relacionados a barreiras socioeconômicas e culturais. Essas barreiras não apenas impactam o acesso à tecnologia, mas também influenciam a capacidade das comunidades em participar plenamente da sociedade digital.

Não há como negar que a lacuna digital persiste, em grande parte, devido a desigualdades socioeconômicas. Nesse contexto, Warschauer (2003) destaca que o acesso à tecnologia muitas vezes reflete disparidades econômicas, com comunidades mais ricas tendo vantagens significativas. A infraestrutura tecnológica em regiões de baixa renda muitas vezes é insuficiente, criando uma divisão digital que perpetua a exclusão.

Sen (1999), por meio da perspectiva da capacidade, adiciona uma dimensão ética à discussão, argumentando que a pobreza não é apenas a falta de recursos materiais, mas a incapacidade de participar plenamente na sociedade, incluindo a sociedade digital.





As barreiras socioeconômicas, portanto, não se limitam ao acesso físico, mas se estendem à participação efetiva na era digital.

As barreiras culturais também desempenham um papel significativo na inclusão digital. Postman (1992) alerta sobre o impacto cultural da tecnologia, destacando como diferentes sociedades respondem de maneiras diversas à introdução de inovações digitais. A resistência cultural pode criar obstáculos para a aceitação e adoção plena da tecnologia, especialmente em comunidades que valorizam tradições arraigadas.

Nesse contexto, a importância da conscientização cultural ao desenvolver estratégias de inclusão digital é digna de nota. Ignorar as especificidades culturais pode resultar em abordagens ineficazes e falta de engajamento nas comunidades-alvo.

Para superar essas barreiras, é vital adotar abordagens holísticas e colaborativas. A promoção de infraestrutura acessível, aliada a estratégias de capacitação digital e iniciativas de conscientização cultural, pode ser um passo significativo em direção à verdadeira inclusão digital.

#### **4.3 Estratégias e soluções inovadoras para superar os desafios**

Diante dos desafios complexos impostos pelas barreiras socioeconômicas e culturais à inclusão digital, diversas estratégias inovadoras têm sido propostas por estudiosos comprometidos com a promoção de uma participação mais equitativa na sociedade digital. Estas estratégias abordam não apenas o acesso físico à tecnologia, mas também as nuances culturais que influenciam a aceitação e a adoção das inovações digitais.

**Educação Digital e Capacitação:** Uma abordagem fundamental para superar as barreiras socioeconômicas é investir em programas abrangentes de educação digital. Como proposto por Warschauer (2003), proporcionar treinamento e capacitação digital é crucial para garantir que as comunidades, independentemente de sua situação socioeconômica, adquiram as habilidades necessárias para participar ativamente da sociedade digital.



**Inclusão Digital Comunitária:** As iniciativas de inclusão digital comunitária, conforme discutido por Compaine (2001), enfatizam a importância de abordagens centradas na comunidade. Estas estratégias reconhecem a diversidade cultural e econômica dentro das comunidades e buscam envolver os membros locais no processo de desenvolvimento e implementação de soluções tecnológicas.

**Conscientização Cultural e Adaptação de Conteúdo:** Superar as barreiras culturais requer uma abordagem sensível e adaptativa. Neste sentido, é importante destacar a importância da conscientização cultural ao desenvolver conteúdos e programas de inclusão digital. Adaptar os materiais educativos e tecnológicos para refletir as especificidades culturais pode aumentar significativamente a aceitação e a eficácia dessas iniciativas.

**Infraestrutura Digital Sustentável:** A criação de uma infraestrutura digital sustentável é vital para assegurar a inclusão digital a longo prazo. Castells (2009) argumenta que o desenvolvimento de infraestruturas de comunicação robustas e acessíveis é uma condição prévia para a participação plena na sociedade digital. Investimentos contínuos em tecnologia e conectividade são essenciais para reduzir as disparidades socioeconômicas.

Estas estratégias, quando implementadas de maneira integrada, têm o potencial de transformar a inclusão digital em uma realidade palpável, superando os desafios emergentes e construindo um futuro mais equitativo e acessível.

## **5. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Ao concluir esta investigação sobre inclusão digital, destaco conclusões cruciais que refletem a complexidade e a importância do tema na sociedade contemporânea. A inclusão digital vai além do simples acesso à tecnologia; é uma questão multifacetada que abrange competências digitais, aspectos culturais e socioeconômicos.

Desafios emergentes, como a privacidade digital, desinformação e a lacuna de competência digital, exigem atenção para garantir uma inclusão efetiva na sociedade digital. As barreiras socioeconômicas e culturais desempenham um papel significativo,



destacando a necessidade de estratégias holísticas que abordem esses fatores de maneira integrada.

Estratégias inovadoras, como educação digital e capacitação, inclusão digital comunitária, conscientização cultural e infraestrutura digital sustentável, oferecem caminhos promissores para superar os desafios. A inclusão digital é mais do que uma questão tecnológica; é um imperativo social que requer esforços coordenados em níveis individual, comunitário e governamental.

A superação dos desafios demanda uma abordagem abrangente que combine educação, conscientização e investimentos contínuos em infraestrutura digital. Recomendações para novos estudos incluem explorar o impacto das tecnologias emergentes na educação, analisar a inclusão digital em contextos específicos, examinar os aspectos éticos relacionados à inclusão digital e avaliar a eficácia das políticas públicas existentes ou propor novas políticas que promovam a inclusão digital de maneira abrangente e sustentável.

Ao longo desta pesquisa, a inclusão digital emergiu como um tema intrincado que transcende a simples disponibilidade de tecnologia. O estudo destacou a complexidade dessas questões, evidenciando que a inclusão digital não se resume apenas ao acesso físico à tecnologia, mas abrange competências digitais, desafios culturais e socioeconômicos. O entendimento de que a exclusão digital é multifacetada e interconectada foi uma conclusão central, desafiando abordagens simplistas e enfatizando a necessidade de soluções integradas.

Os desafios emergentes na era digital, como a privacidade, desinformação e a lacuna de competência digital, foram identificados como preocupações cruciais. Estes desafios demandam estratégias inovadoras que vão além do acesso à tecnologia e abordem questões éticas, educacionais e culturais. A pesquisa sublinhou a necessidade de uma abordagem holística, reconhecendo a interdependência desses fatores na construção de uma sociedade digital inclusiva.

As barreiras socioeconômicas e culturais foram identificadas como obstáculos significativos para a inclusão digital. A lacuna digital persistente, a desigualdade de acesso e as resistências culturais destacaram a importância de estratégias sensíveis e



adaptativas. A pesquisa também evidenciou que iniciativas de inclusão digital devem ir além da simples oferta de tecnologia, incorporando programas educacionais, conscientização cultural e desenvolvimento de infraestrutura sustentável.

Ao concluir, a pesquisa ressaltou que a inclusão digital não é uma meta estática, mas uma jornada contínua. As recomendações para novos estudos visam explorar a evolução das tecnologias emergentes na educação, examinar a inclusão digital em contextos específicos, abordar os aspectos éticos envolvidos e avaliar a eficácia das políticas públicas. Em última análise, o desafio é manter a pesquisa dinâmica e adaptável às transformações sociais e tecnológicas para contribuir para uma sociedade mais justa e equitativa na era digital.

A inclusão digital é uma jornada contínua, e novas pesquisas são fundamentais para adaptar estratégias às mudanças tecnológicas e sociais. Ao continuar a explorar esses tópicos, podemos contribuir para uma sociedade mais justa e equitativa na era digital.

## REFERÊNCIAS

BAIENSON, J. N. **Experience on Demand**: What Virtual Reality Is, How It Works, and What It Can Do. W. W. Norton & Company, 2018.

BRYNJOLFSSON, E.; MCAFEE, A. **The Second Machine Age**: Work, Progress, and Prosperity in a Time of Brilliant Technologies. W. W. Norton & Company, 2014.

CASTELLS, M. **Communication Power**. Oxford University Press, 2009.

CASTELLS, M. **The Rise of the Network Society**. Wiley-Blackwell, 2010.

COMPAINE, B. M. **The Digital Divide**: Facing a Crisis or Creating a Myth? MIT Press, 2001.

CUBAN, L. **Oversold and Underused**: Computers in the Classroom. Harvard University Press, 2001.

DEDE, C. Immersive Interfaces for Engagement and Learning. **Science**, v. 323, n. 5910, p. 66–69, 2009.

DIMAGGIO, P.; HARGITTAI, E. **From the 'Digital Divide' to 'Digital Inequality'**: Studying Internet Use as Penetration Increases. Princeton University Center for Arts and Cultural Policy Studies, 2001.



DIMAGGIO, *et al.* Social Implications of the Internet. **Annual Review of Sociology**, v. 27, n. 1, p. 307-336, 2001.

EYNON, R.; MALMBERG, L. A Typology of Young People's Internet Use: Implications for Education. **Computers & Education**, v. 56, n. 3, p. 585-595, 2011.

GARRISON, D. R.; KANUKA, H. Blended Learning: Uncovering its Transformative Potential in Higher Education. **The Internet and Higher Education**, v. 7, n. 2, p. 95-105, 2004.

HEEKS, R. Information Systems and Developing Countries: Failure, Myths, and the Challenge of System Change. **The Information Society**, v. 18, n. 2, p. 101-112, 2002.

ITU - International Telecommunication Union. Development Sector. **Measuring Digital Development: Facts and Figures 2021**, 2021.

NORRIS, P. **Digital Divide: Civic Engagement, Information Poverty, and the Internet Worldwide**. Cambridge University Press, 2001.

POSTMAN, N. **Technopoly: The Surrender of Culture to Technology**. Vintage, 1992.

RAGNEDDA, M.; MUSCHERT, G. W. **The Digital Divide: The Internet and Social Inequality in International Perspective**. Routledge, 2013.

RIFKIN, J. **The Zero Marginal Cost Society: The Internet of Things, the Collaborative Commons, and the Eclipse of Capitalism**. St. Martin's Press, 2014.

SEN, A. **Development as Freedom**. Oxford University Press, 1999.

SUNSTEIN, C. R. **#Republic: Divided Democracy in the Age of Social Media**. Princeton University Press, 2017.

VAN DIJK, J. A. **The Deepening Divide: Inequality in the Information Society**. SAGE Publications, 2005.

WARSCHAUER, M. **Technology and Social Inclusion: Rethinking the Digital Divide**. MIT Press, 2003.

WESTIN, A. F. Social and Political Dimensions of Privacy. **Journal of Social Issues**, v. 59, n. 2, p. 431-453, 2003.



*Emitido em 12/03/2024*

**RELATÓRIO INDIVIDUAL DE TRABALHO Nº RIT 2023/2 LUIZ FERNANDO/2024 - STA-CTSI  
(11.02.30.08.02.12)  
(Nº do Documento: 5)**

**(Nº do Protocolo: NÃO PROTOCOLADO)**

*(Assinado digitalmente em 13/03/2024 21:54 )*

**ARCHIMEDES ALVES DETONI**

*COORDENADOR - TITULAR*

*STA-CTSI (11.02.30.08.02.12)*

*Matrícula: 1725201*

*(Assinado digitalmente em 13/03/2024 22:01 )*

**LUIZ FERNANDO REINOSO**

*PROFESSOR DO ENSINO BASICO TECNICO E TECNOLOGICO*

*STA-CTSI (11.02.30.08.02.12)*

*Matrícula: 1318541*

Visualize o documento original em <https://sipac.ifes.edu.br/documentos/> informando seu número: **5**, ano: **2024**, tipo:

**RELATÓRIO INDIVIDUAL DE TRABALHO**, data de emissão: **13/03/2024** e o código de verificação:

**44e6d547cc**